

## Índice

A batalha cultural: saciar a sede de sentido .....	1
--	---

### A batalha cultural: saciar a sede de sentido

A batalha cultural costuma ser entendida como uma luta de poder para redefinir os valores e crenças de uma sociedade. Mas também pode ser encarada como um grande debate, onde o importante é esclarecer quais são as ofertas de felicidade e de significado mais consistentes. Esta abordagem retira protagonismo ao impulso da força, e aposta nos desejos e necessidades dos que se verão afetados pelo que é dirimido no espaço público.

No mundo anglo-saxónico são famosos os [festivais de ideias](#) que espicaçam a reflexão crítica sobre questões de atualidade. Um dos mais prestigiosos é “The Battle of Ideas”, que recorre à metáfora bélica para aludir a um são confronto intelectual. O objetivo deste tipo de fóruns é que, da acareação entre conceções do mundo, surja uma melhor versão dos pontos de vista, dos valores e dos estilos de vida discutidos.

Este é o ideal. Mas a realidade é que os debates públicos muitas vezes se parecem mais com o tipo de luta que defendeu o pensador marxista Antonio Gramsci (1891-1937) e os seus [epígonos contemporâneos](#): uma guerra de trincheiras em setores estratégicos da sociedade civil, onde o decisivo é “a conquista do poder cultural” como passo prévio para a do poder político; um combate que não necessita da coação, porque lhe sobra e lhe basta “a ação concertada dos intelectuais” para criar um novo consenso social.

Assim entendida, [explica](#) Armando Zero, professor de Filosofia do Direito e Política na Universidad CEU San Pablo, a batalha cultural não é outra coisa a não ser “a instrumentalização da cultura com objetivos políticos”. Por isso, procurar libertá-la nesses termos, é tê-la perdido à partida (“El Debate de Hoy”, 4.9.2020).

### Contracultura e desejos

Quando os debates públicos são concebidos como batalhas onde se procura impor a narrativa própria, o foco acaba por ser colocado nas estratégias, não no fundo dos assuntos que se encontram em debate. E muito menos interessa demasiado a sorte dos que assistem de fora. A estes apenas é pedido que tomem partido e que cerrem fileiras, com lealdade inatacável, em torno dos do seu grupo.

Mas não é obrigatório converter o debate intelectual numa batalha campal. As disputas sobre valores e estilos de vida, especialmente aquelas sobre assuntos que marcam profundamente uma sociedade –o aborto, a eutanásia, o conceito de casamento, a educação, a liberdade religiosa e de consciência, a paz social...–, podem encarar-se como uma forma de dar resposta à sede de sentido de uma sociedade.

Assim o sugeria, sem que houvesse uma referência expressa à batalha cultural, a exposição “1968. La revolución del deseo” (EncuentroMadrid, 2018). Através de testemunhos, manifestos e letras de canções da época, mostrava como os jovens que apoiaram os protestos estudantis e a contracultura, desejavam sobretudo um sentido para as suas vidas; um propósito e um significado que não encontravam na sociedade do bem-estar que haviam herdado dos seus pais, nem em propostas de felicidade que por eles eram consideradas insípidas: rígidos papéis familiares e sociais, que relegavam as mulheres para a esfera privada; conceção autoritária da educação; homogeneidade cultural; obsessão pelo consumo e pelo crescimento económico...

“É um desejo justo. Querem ser protagonistas da sua história, querem encontrar algo que engrandeça a existência”, [explicava](#) Marcelo López Cambroner, comissário da exposição e profes-

sor de filosofia em várias instituições. Mas os próprios excessos do movimento cultural que emergiu das revoltas veio afogar esse desejo. “Não é que tenham perdido o sentido da vida, mas ficaram sem a esperança de que a vida possa ter um sentido. E isto é o que provoca a mudança de época e inicia o pós-modernismo”.

## Ofertas de sentido

Passaram os anos. E a deriva cultural que os movimentos sociais de finais dos anos 60 do século passado desencadeou, acabou por preencher esse vazio. Se em todas as culturas há narrativas que impulsionam a estruturação das vidas das pessoas de acordo com um propósito mais amplo do que o pessoal, como [afirma](#) o jornalista Sam Ashworth-Hayes em “Quillette” (13.6.2021), hoje parece que se está a impor a narrativa tida por progressista. E atribui isso ao facto da esquerda ter sabido oferecer a possibilidade de participar “num grande projeto de libertação pessoal” contra os costumes e instituições tradicionais, que simultaneamente serve para fazer sacudir os cimentos de uma civilização – a ocidental – fundada na violência e na opressão.

A intuição de Ashworth-Hayes é certa, porque que outra coisa fez o progressismo cultural a não ser unir num mesmo movimento o *individualismo expressivo* com a aspiração pela *justiça social*, como designam os anglos-saxónicos de esquerda a luta contra tudo o que consideram sexismo, racismo, homofobia, transfobia?... Graças a esta fórmula, já é possível ter subjetivismo libertário e compromisso com uma grande causa moral.

Entretanto, a contraoferta dos conservadores não foi especialmente atrativa. Entre as propostas mais faladas dos últimos anos, Ashworth-Hayes menciona a ideia de “construir comunidades que interagem o menos possível com o resto do mundo”. Ou os projetos inspirados “pelo vago desejo de regressar a um ponto indefinido da história”, onde supostamente tudo era melhor do que agora. Mas essas respostas deixam por resolver a questão de como levar o sentido da vida a uma sociedade sedenta dele.

## “Algo com que sonhar”

Para sermos justos, nas últimas décadas não faltaram [esperanças ofertas de sentido](#), que encorajavam as pessoas a juntarem-se na construção de uma nova cultura (“Ideas para un cambio social”, em “Aceprensa”, 5.2.2020). Mas é verdade que o desânimo cresceu mais entre os que veem os seus valores à deriva.

Tão-pouco faltaram os que confundiram os planos, apresentando a política como a grande narrativa que [preenche de sentido](#) as nossas vidas. É o que fez Donald Trump com a sua palavra de ordem “Make America Great Again”, onde se intui o desejo de fazer com que as pessoas se sentissem parte de algo maior.

Ele próprio assinalou o caminho no seu livro “The Art of the Deal” (1987): “Apelo à fantasia das pessoas. Pode ser que as pessoas nem sempre pensem no que é grande, mas ainda assim podem emocionar-se com aqueles que o fazem. Por isso, uma pequena hipérbole não causa mal a ninguém. As pessoas querem acreditar que algo é o maior, o mais importante, o mais espetacular”.

Mas depressa se viu que o centro do espetáculo era ele próprio. Para não poucos conservadores que lhe deram crédito, o resultado foi mais frustração.

Com este contexto em mente, entende-se a necessidade de procurar alternativas culturais mais esperançosas. Daí que Ashworth-Hayes encoraje os descontentes com a cultura atual a articular narrativas que deem sentido às pessoas, que lhes deem “algo com que sonhar” e que lhes permitam poder desempenhar “um papel numa civilização que caminha para algum lado”. Não falsas esperanças, mas algo que melhore a sociedade e que perdure, como faziam os construtores de catedrais.

Na mesma linha se situa o apelo de Makoto Fujimura a iluminar uma cultura que leve ao mundo mais beleza, mais esperança, mais generosidade, mais sentido..., ou o de Andy Smarick para fundar instituições que proporcionem respostas às necessidades atuais (“[Enfoques para un nuevo conservadurismo](#)”, em “Aceprensa”, 11.3.2021).

## Curar feridas

A matéria-prima da batalha cultural são as ideias, mas aqueles que a protagonizam são pessoas de carne e osso com uma bagagem existencial muito rica. É evidente que as convicções importam, mas igualmente os desejos, os sonhos, os valores, as emoções, a própria história pessoal, etc. [Advertiu](#) para isso há algum tempo em “Public Discourse” a articulista Serena Sigillito, para quem o amor à verdade é inseparável do amor às pessoas.

Seria ingénuo pensar – defende Sigillito – que uma visão intelectual é suficiente para vir a obter uma mudança de vida duradoura: a conversão do intelecto necessita sempre da conversão da vontade. E isso pode ser um processo lento, que seguramente exigirá o acompanhamento de um amigo ou de uma comunidade. Daí a necessidade de apresentar “alterna-

tivas positivas à insatisfação e à dor” geradas por certos estilos de vida.

Algo parecido sugeria o poeta e colunista Enrique García-Máiquez num [artigo](#) intitulado de forma expressiva: “Conservadores, ¡nos llaman!” (“Diario de Cádiz”, 17.1.2021): “Uma série recente de textos importantes, desde “[Feria](#)” (Círculo de Tiza, 2020), o livro de memórias de Ana Iris Simón, até ao artigo de Diego S. Garrocho em “El Español”, ‘Carta a un joven post-moderno’, passando por María Palmero em “Vozpópuli” com ‘¿Quién quiere tener hijos pudiendo ver Netflix y gozar de sexo sin compromiso?’, apresentam cruamente o fracasso do pós-modernismo e do projeto de vida que este propõe aos jovens de hoje. É uma corrente de opinião que abre caminho: a tradução espanhola de “The Swedish Theory of Love”, aquele documentário trágico de Erik Gandini”.

## Do medo à esperança

Entender a batalha cultural como uma forma de dar resposta à sede de sentido convida a que se passe do receio à esperança. Não por motivos de *marketing*, mas porque a esperança é a emoção que melhor se adequa aos que se propuseram não se deixar ficar para trás no debate intelectual.

A partir do medo, constrói-se muito pior. O medo torna-nos reativos; leva-nos a esquecer-nos da nossa proposta e concentra-nos na agressão que vem do exterior. O medo impulsiona a responder com uma forma de ser artificial, pouco natural; torna-nos desajeitados em termos mentais, tira-nos flexibilidade para integrar ideias que não haveria razões para contrapor.

A esperança, pelo contrário, lança-nos para a frente; enche-nos de vitalidade; torna-nos criativos, audazes, imaginativos... A esperança rejuvenesce: introduz frescura nos argumentos próprios e alegre o tom; permite conciliar profundidade e engenho, firmeza e bom humor...

## Escolher o nosso quadro

Atuar com esperança na batalha cultural pressupõe imitar menos os outros e dar mais de nós. Percebe-se que aqueles que veem os seus valores ameaçados estejam muito preocupados em saber como se ganha a batalha cultural. Mas antes haveria que saber o que significa ganhar – encetar com sucesso – essa batalha.

No contexto atual, onde existe à partida um preconceito contra os conservadores, onde a polarização fez fragmentar a opinião

pública em múltiplas redomas que não comunicam entre si e onde todos competimos pela atenção do outro, considero um sucesso obter duas coisas. Primeira: falar do que queremos falar, a partir de uma posição pró-ativa, livre, não prisioneira do quadro interpretativo que outros fixaram. E segunda: conseguir interessar os que pensam de forma diferente, um requisito para ser escutado.

Nesta perspetiva, ganhar a batalha cultural não significa tanto derrotar o outro como superar uma dinâmica de confronto que nos está a impedir de nos encontrarmos com os outros.

## Os meios definem-nos

Também é oportuna a reflexão sobre os fins e os meios. Aos que se propuseram conquistar o poder político por qualquer meio, é possível que não tenham problemas em esticar a corda da conversa em público para retirar algum benefício disso. Mas se o objetivo é levar mais humanidade às pessoas e ao espaço público, é evidente que não vale tudo.

Ao escolher os meios para o debate intelectual, não basta ter em atenção o que resulta mais eficaz; antes de mais nada, tem de se ver se esses meios são bons em si mesmos e se expressam de modo adequado a identidade própria.

No artigo mencionado anteriormente, Armando Zerolo previne os cristãos para que não caiam na armadilha de adotar a práxis e as categorias marxistas. Pelo contrário, propõe-lhes o exemplo do Solidarnosc, o sindicato polaco que tornou possível a queda do comunismo. “Se não tivesse havido uma oposição ativa, uma união de pessoas, e convicções religiosas que davam esperança, não teria ocorrido a queda de nenhum sistema. Muito antes de uma ação diretamente política, houve uma solidariedade entre as partes, um exemplo de associativismo e uma atitude pacífica e confiante que seria inexplicável sem ter em conta uma religiosidade viva e fortalecida por tantos sofrimentos”.

## Dar um passo em frente

Por vezes, a oposição ativa fará com que atuemos sozinhos, porque não há companheiros dispostos a denunciar uma injustiça ou a defender uma posição num debate suscitado em aula, na empresa ou numa reunião de amigos.

No seu livro “[Palabra de Hannah Arendt](#)”, Teresa Gutiérrez de Cabiedes apresenta o testemunho da pensadora e jornalista alemã, educada desde pequena para enfrentar os que se metiam com ela ou com alguma das suas companheiras por

serem judias. “Quando, por exemplo, algum dos meus professores fazia comentários antissemitas” (...) – dizia Arendt –, “eu tinha instruções para me levantar de imediato, abandonar a sala de aula, ir para casa e informar exatamente o que ocorrera. A minha mãe então escrevia uma das suas muitas cartas, e para mim o assunto estava encerrado: um dia sem escola, o que era estupendo”.

O ato de dar um passo em frente e de desafiar a opinião moral maioritária num grupo, tem um enorme efeito nos que ouvem, por muito imperfeita que seja essa intervenção. De facto, uma cara envergonhada ou um balbuciar desajeitado, fazem salientar ainda mais a coragem de quem se decidiu a sair do anonimato para dizer o que pensa. Basta que o faça com respeito e sem arrogância.

Essa tomada de posição faz ver ao poderoso que não tem carta branca para dizer ou fazer aquilo que quiser. À maioria dos que aceitam aquilo que lhes é imposto, mostra que o assunto não está resolvido. E aos que têm dúvidas ou não se atrevem a apoiar a contestação, pode despertar-lhes o desejo de imitar a sua coragem. Poucos atos dão que pensar tanto como o exercício da dissidência respeitosa, mesmo que os *likes* fiquem com outros.

### **Ao calor de uma fogueira**

Outra atitude necessária para os que desejam apresentar alternativas às ofertas de sentido hegemónicas, é a generosidade. Um espírito generoso saberá descobrir o valioso que existe noutras propostas e reelaborar o que lhe pareça suscetível de melhoria.

É um dos ensinamentos que encerra a parábola de [“El fuego de campamento”](#) (“El Debate de Hoy”, 16.3.2021). Ricardo Calleja, professor de Ética Empresarial e de negociação no IESE Business School, imagina que “numa clareira da floresta, ao abrigo do penhasco que forma uma garganta, arde todas as noites um fogo de um acampamento guerrilheiro, onde se reúnem as diversas milícias da batalha cultural”.

A variedade dos que se reúnem ali é assombrosa: há artistas, intelectuais, trabalhadores manuais, empresários... Juntam-se porque o fogo lhes oferece “um lugar de repouso e de encontro”. Logicamente, entre eles há desacordos. Mas não lhes importa em demasia. “Cada um sabe que existem muitas estratégias para reconstruir a Cidade, que muitas dessas estratégias são compatíveis ou, precisamente nas suas fricções, complementares”. Conversam, comem, bebem, riem... E resolvem as suas diferenças “ao calor tépido do fogo, na fogueira inextinguível da cordialidade”.

A parábola termina com um convite para que cada qual procure uma fogueira, a que mais se lhe adegue. E “se não a encon-

trarmos: acendamos o nosso próprio fogo e esperemos a cantar e sem medo que outros apareçam na floresta para se juntarem ao nosso acampamento noturno”. Tudo menos ficar sozinho, instalado numa mal humorada não-proposta.

J. M.